

ATLÉTICO CLUBE DE PORTUGAL

CAMPEÃO DA II DIVISÃO NACIONAL



Da esquerda para a direita: 1.º plano — Micael, Rosário, Catinana, Armindo e Marques; 2.º plano — Paiva, Baptista, Lopes I, Severiano Correia (treinador), Gregório, Lopes II e Ventura

Stadium

N.º 122 ★ 4 DE ABRIL DE 1945 ★ PREÇO 1\$50

O GRANDE CAMPEONATO

A jornada de surpresas e "goals"

Estão em causa vários problemas que se referem à Tabela: Quais os titulares do 2.º, 4.º e 6.º lugares?

Crónica de TAVARES DA SILVA

O torneio deu-nos um fim morto. Estas derradeiras jornadas do campeonato nacional estão a disputar-se — pela força obrigatória do calendário. O interesse primário, a questão do título de campeão, o que dá a verdadeira vida às competições, desapareceu, ficando apenas dois interesses secundários a animar a prova.

O primeiro respeito ao segundo lugar, na categoria de sub-campeão, designação que não existe, mas que os clubes podem adoptar para si. De tal não virá mal ao mundo. A luta vem a travar-se entre Sporting e Belenenses. Se ambos passarem vitoriosamente o último obstáculo, como é de presumir (a tarefa dos *leões* em Santa Cruz sempre se apresenta bem mais difícil do que a das Salésias) continuarão empatados em pontos, e em semelhante hipótese o favor dos *goals* determinará a colocação sportinguista imediatamente a seguir ao Benfica, e depois o Belenenses. Quere dizer: em qualquer combinação de resultados os três *colossos* de Lisboa constituem a guarda avançada, havendo distribuído entre eles as melhores talhadas. A Provença, embora tendo-lhes feito a vida negra, não invadiu a sua zona tradicional ainda que conseguisse redazi-la — pelo afastamento para regiões mais distantes do quarto representante da Associação de Lisboa.

O segundo problema, tendo como núcleo o outro interesse secundário, respeito à classificação dos postos intermédios e subdivide-se em dois aspectos ou questões, muito curiosas: a luta para o 4.º lugar; e a luta para o 6.º posto. A curiosidade destes casos reside, precisamente, no facto dos interessados jogarem um contra o outro na decisão do pleito. Assim, Vitória (Setúbal) e Pôrto defrontar-se-ão no estádio do Lima, e de tal resultado dependerá a honra de 4.ª classificação. Por sua vez, Estoril visitará o campo do Olhanense, e aí ficará decidido o 6.º posto. Quem coisa melhor organizada?

Os resultados apurados na 17.ª jornada foram os seguintes:

Estoril	1	—	Sporting	2
Olhanense	2	—	Pôrto	2
Vitória (Guim.)	1	—	Vitória (Setúbal)	2
Belenenses	13	—	Académica	2
Salgueiros	0	—	Benfica	6

O que há de notável, ou curioso, nestes resultados? O que mais impressiona, pelo menos à primeira vista, é o resultado das Salésias — não o resultado propriamente dito, pois a vitória belenense era tida como certa, mas o volume dos *goals* que se acumularam nas balizas dos estudantes. Bem sabemos que o *team* da Académica atravessa período dos mais difíceis, acrescentando a isto ter-se apresentado nas Salésias com uma linha esmagada. Mesmo assim — 13 a 2 — é resultado excessivamente desnivelado. Nem outro nos recorda na Primeira Divisão!

Na lista dos resultados há ainda a destacar: o triunfo setabalense em Guimarães e o empate do Pôrto em Olhão. O primeiro diz-nos que o Vitória (Setúbal) é já uma *equipa* sólida nos seus fundamentos e que o clube está lançado decididamente na senda só reservada aos *teams* fortes. O segundo afirma-nos que alguma coisa se está a passar na equipa do Pôrto, orientando e ordenando os valores, isto é, pondo ordem na casa, e tratando de aproveitar o melhor possível os elementos que há. Será desta vez que o *team* portuense irá ressurgir, para dar novamente ao futebol português o sangue vivíssimo da

tradicional rivalidade entre Pôrto e Lisboa? Não nos admirará que assim seja. Conheçemo-nos a tempera do homem que actualmente orienta os *teams* do Futebol Clube do Pôrto.

A jornada, vista em conjunto, satisfaz no ponto de vista de qualidade. O certo é que, neste momento, não podemos ser muito exigentes, dado estarmos na fase, já acentuada, de saturaçãõ técnica. E a verdade é que, no passado domingo, já o calor apertava. Oa apertou. Formenor que se deverá ter em conta. Ora, mesmo assim, viram-se em alguns desafios lances bem movimentados, aqui e ali com um raio de luz: o suficiente para os olhos se alegrarem.

A tabela da classificação geral merece leitura atenta, especialmente para se surpreenderem os problemas que a jornada derradeira comporta. Em primeiro lugar está, de pedra e cal, o Benfica, com 28 pontos e o significado de um *score* espantoso (o maior número de bolas marcado e o menor sofrido, aspecto, este último, em que o acompanha, pelo menos, por agora, o Sporting). Vêm com 25 pontos, Sporting em 2.º e Belenenses em 3.º. Eis o lote de honra, o grupo das *feras*...

Mais um passo e destacam-se dois concorrentes: Vitória (Setúbal) com 19, e Pôrto, com 18 pontos. Outro passo e surge-nos no caminho novo par de força, e lado a lado, com 15 pontos: Estoril e Olhanense.

Por fim, no grupo da cauda, Vitória (Guimarães) 11; Académica 9; e Salgueiros 5 pontos.

A análise da tabela, entre outras coisas, revela-nos duas curiosidades que não queremos desde já deixar escapar: a colocação da quarta força lisboeta no 6.º lugar, por enquanto; e a posição do sub-campeão da Associação do Pôrto, atirado definitivamente e expressivamente para o último posto, e tão baixo que o seu número de classificação quasi que não se vê. Posto isto —

aguardemos pacientemente o fim. E' já no próximo domingo. Ainda bem. O Campeonato Nacional começava a cansar. Era preciso outra prova, mais emotiva, com os seus dramatismos de eliminar. A «Taça de Portugal» chega na altura própria. Coitadinha, porém, já se prepararam para interromper a sua disputa por longo decurso de tempo. E é capaz depois de se derreter com o calor!...

Imagens dos desafios nos cinco campos

Os desafios como o da Amoreira (Estoril) são muito curiosos. Têm duas faces e contentam ambas as massas partidárias.

O Estoril começou bem e nessa medida de jogo se conservou até o fim do primeiro tempo. Jogando com infiltração pelo centro do terreno, o que é expressão de jogadas em profundidade, e aproveitando para o efeito os seus melhores valores no todo atacante, o *team* colocou em dificuldades constantes a defesa sportinguista. Esta nem sempre conseguia tapar com êxito o caminho ao adversário. E a prova está na quantidade de oportunidades que os homens do Estoril tiveram — não atinando com o baraco. Como expressão disso pode dizer-se: tais avançados conseguiram o mais difícil, não executando aquilo que, aparentemente, parecia mais fácil. Pelo contrário, foram os *leões* que, nam remate afortunado, atingiram o intervalo — vencendo.

Todavia, reatado o jogo, por am desses fenómenos tão estranho mas ao mesmo tempo tão vulgar na bola, o desafio deu a volta. O Sporting pôs, então, todas as suas forças no ataque, e de modo tão impressionante a sua superioridade técnica viu a luz do dia.

A máquina, no seu perfeito funcionamento, não só domina territorialmente como soube criar imensas situações de perigo. No cair da partida — esse domínio avultou singularmente, intenso e quasi que absoluto. Foi o período do mais belo e esforçado trabalho da defesa do Estoril. Daí o dizer-se, e justamente, que o Sporting jogou e rendeu mais na segunda parte do que o Estoril, no primeiro tempo. A verdadeira imagem do encontro.

A partida de Olhão terminou com admeos iguais. Todavia, isto pode dar uma ideia que não corresponde à realidade: não foi o

(Continua na página 10)

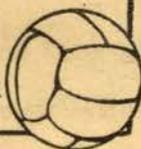
Prologo da «TAÇA DE PORTUGAL»



Fez-se há dias o sorteio para a «Taça de Portugal», já conhecido através da Imprensa diária. A objectiva do nosso fotografo colheu os drs. Faccó Viana, Coelho da Rocha, Vergílio Paula e Vicente de Melo orientando as «operações», enquanto os delegados dos clubes «tiram as sortes» — e o António de Sequeira preenche as suas duplas funções com aspecto que tem o seu quê de preocupado...



NO MUNDO DA BOLA



PELO "Jornalista DESCONHECIDO"

Há resposta
para tudo...

Organização da arbitragem

P. 50—Quais os melhores jogadores: Lourenço (Pôrto) ou Manuel da Costa (Benfica); Araújo (Pôrto) ou Eloi (Belenenses); Norberto Franco (Pôrto) ou Rogério (Benfica)? Um colega meu diz serem os do norte. Eu afirmo que são os outros. Que me diz? (Olindo Rodrigues da Silva, Casa do Pinhal, Praia da Ajuda).

R. 50—Os lisboetas são melhores. Tudo depende, porém, da cor por que a questão se veja...

P. 51—Gostaria de saber, sem engano, quais os jogadores portugueses que se podem considerar olímpicos por haverem tomado parte nos Jogos Olímpicos. Parece-me que não é exigir muito! (Um curioso, de Santiago de Cacem).

R. 51—Tem toda a razão. É pouco exigente. Até dá gosto. Mas a sua pergunta—acredite—ainda deu algum trabalho. Eis o que pretende: António Roquete, Augusto Silva, Carlos Alves, Cesar de Matos, Jorge Vieira, José Manuel, Pepe, Tamanqueiro, Vítor Silva e Waldemar Mota, 3 encontros; Armando Martins, 2; João dos Santos, 1. Todos estes jogadores tomaram parte nos Jogos Olímpicos de 1928.

P. 52—Pode dar a lista dos capitães do onze nacional, que eu julgo que ninguém sabe, nem o sr. mesmo, que já não me respondeu a outra pergunta? (Offside, de Viana do Castelo).

R. 52—Não é só o sr. a queixar-se. Muitos! Visto que o espaço não comporta a satisfação a todos que perguntam. Também porque algumas perguntas são de respeito. Enfim... sempre o vou deixar satisfeito desta vez:

Jorge Vieira, 15 vezes; Gustavo Teixeira, 9; Augusto Silva, 8; Mourão, 3; Pinga, 2; Waldemar, 2; Alberto Rio, 1; Roquete, 1; Cândido de Oliveira, 1; Cardoso, 1; Serra e Moura, 1; João dos Santos, 1; Tamanqueiro, 1; Vítor Gonçalves, 1 vez.

P. 53—Qual é o melhor grupo de Espanha?

O back dos juniores do Académico, Martinho, terá qualidades para subir?

Quem vencerá o próximo Portugal-Espanha na Corunha? (De um portuense-madrileno).

R. 53—Actualmente, o Barcelona.

Não conhecemos o jogador a que se refere.

Talvez a Espanha.

Seu princípio orientador: de um lado, os dirigentes; do outro, os árbitros—livres de pressões

O Colégio de Árbitros de Lisboa, que se chama agora corporação, já teve uma organização mais perfeita. Consequência: servia melhor os fins em vista, intervindo com êxito na arbitragem.

O seu funcionamento era o modelo para os outros. Os juizes de campo, seus filiados, tinham prestígio de ponta-a-ponta do país.

Referimo-nos ao método com que o Colégio, tendo conquistado a sua independência, a soube defender contra tudo e todos, impondo-se pela sua linha enérgica da mais bela conduta e pela sua inexcedível imparcialidade. Os árbitros sabiam que o Colégio os cobria com a sua autoridade, quando vítimas da paixão clubista, mas também tinham a certeza de que seriam inexoravelmente punidos, quando os seus passos tivessem sido em falso, por descuido, desleixo ou ignorância.

Foi há muito tempo. Já poucas pessoas se recordarão, afinal. De resto, isto chegou ao nosso conhecimento em conversa, outro dia, numa roda de magistrados do apito. Os árbitros vinham proclamando a sua independência insistentemente, convencidos de que, num organismo essencialmente arbitral, poderiam estudar melhor a sua função e adoptar medidas com objectivos de aperfeiçoamento.

Um dia—o desejo vingou. A aspiração transformou-se em realidade. O Colégio de Árbitros de Lisboa, com mais de duzentos filiados e uma organização modelar para a época, dirigido e servido exclusivamente por referees, era um facto. Apesar da tarefa não ser remunerada—apareceram, neste período, muitos árbitros novos que, empareceando com os antigos e experientes, deram lustre à arbitragem nacional. O trabalho dessa fase, não temos dúvida em afirmá-lo, chegou até aos nossos dias.

Mas os dirigentes clubistas e associativos, uns e outros no fundo a mesma coisa, não viram com bons olhos, desde o primeiro dia, a fundação do Colégio, feita à custa do esforço e da tenacidade de todos. A criação da arbitragem remunerada, hoje aceita sem relutância, veio ainda aumentar aquela aversão. Era um domínio que se despegara do poder dos referidos dirigentes desportivos. E desenhou-se a luta, tendo o golpe sido desferido numa altura em que os árbitros não se encontravam suficientemente unidos, talvez em virtude do interesse material os ter separado um pouco.

A evolução deu-se no mau sentido. Uma coisa que custara tanto a erguer—caiu num instante. Via-se nesta questão mais as pessoas—do que o problema. De Colégio passou a Corporação. De unidade independente à autonomia. Com uma composição directiva estranha: dois directores eleitos pelos árbitros, dois nomeados pela direcção da A. F. L. e um presidente teoricamente por acôrdo. E a vida do Colégio perdeu grande parte do seu prestígio.

Os árbitros, em tempos antigos, defendiam convictamente o seguinte princípio: a função de arbitrar ou de julgar o jogo deve ser completamente independente da função legislativa e administrativa da bola, tendo de ser exercida sem pressões de nenhuma natureza. Ditar regulamentos, orientar e organizar um campeonato é uma coisa. Aplicar as regras em campo nada tem que ver com tudo isso. É evidente que colocar os árbitros sob o poder dos dirigentes é tirar à sua organização e função a característica total de independência, mesmo de imparcialidade.

Coisa curiosa. Isto, que vinha a ser debatido e objecto de variadas lutas, decidiu-se a favor dos árbitros logo que criada a Direcção Geral de Desportos. Dentro em pouco nascia a Comissão Central de Árbitros, constituída por três membros, mas de nomeação directa daquela alta entidade, o que lhe empresta indiscutivelmente independência absoluta. Trata-se de um departamento que, embora mantenha as mais estreitas relações com os outros sectores da Organização da Bola, sómente deverá prestar contas à entidade nomeante. Assim, vingou lucidamente uma orientação. Deu-se um passo decisivo para a organização dos árbitros, necessariamente hierarquizada.

A Comissão Central é a cúpula que cobre todas as Corporações Distritais. Por um fenómeno estranho, porém, o princípio de independência e ordem geral acima referido não se estendeu aos Corpos Arbitrais que vivem nas Associações. A Corporação de Árbitros de Lisboa continua com a mesma organização e o seu bizarro funcionamento.

Esse funcionamento não está em conformidade com o princípio exposto. Há que dar unidade a todos os Colégios. Como a função da Comissão Central não deve ser apenas a da nomeação de árbitros—parece-nos a altura oportuna dela completar a organização da arbitragem portuguesa.

Um jogador
que sabe marcar
os «cantos»

EM tempos idos—dissemos outro dia—os cantos representavam sempre um visível e iminente perigo. Os jogadores encarregados de executar a penalidade, em geral os extremos, tinham tão boa conta no pontapé que a bola, como que matemáticamente, depois de descrever uma curva graciosa, vinha cair em frente das balizas e um pouco



fora do alcance do guarda-rédes, de forma a poder transformar-se em goal, se não com facilidade, dada a vigilância da defesa, ao menos com todas as possibilidades de ordem prática.

Relembrámos então o nome de alguns elementos que se celebrizaram na marcação do corner, no dizer expressivo de alguém qualquer coisa como meio-goal...

Com a evolução do jogo—essa especialidade como que findou. Ou pelo melhor apetrechamento da defesa, ou por terem praticamente acabado as entradas vigorosas dos avançados, ou em virtude do castigo ser mal aplicado, o certo é que, raramente, em nossos dias, um canto se transforma em goal.

Quere-nos parecer que, de todas as causas, o marcar-se mal a falta é o que mais influi para o seu não-aproveitamento. Daí a nossa i-êia de destacarmos esta esplêndida faculdade de Teixeira, o enérgico interior-esquerdo do Benfica. Já repararam como êle marca os cantos—quando se trata de aproveitar convenientemente o pontapé de canto?

Provoca sempre perigo. A bola vem a cair morta, devagarinho, no centro do terreno, pedindo que a enviem às rédes. Ai do adversário que se descuidar...

SUBSÍDIOS para a HISTÓRIA

do PUGILISMO em PORTUGAL

COORDENAÇÃO DE *Luís Barradas*

II

APÓS o combate entre Ruivo e Marques Neves, para disputa do título nacional dos «meios-leves», o pugilismo tombou no marasmo em que forçosamente vegetava. Os amadores continuavam praticando nos ginásios e talvez se contentassem com essa restrita actividade para não arriscarem as suas fictícias reputações.

Entretanto, a 28 de Novembro de 1921, o amador Harry Rocha efectuou uns assaltos demonstrativos com o mestre Paulo Larroux, no sarau do Sport Clube Progresso.

O ano termina sem que quaisquer outras actividades pugilísticas intervissem.

A 19 de março de 1912 apareceu nos jornais lisboetas uma carta do amador Leopoldo do Nascimento Lys, visando nas entrelinhas quem quer que fôsse que o tinha menoscabado. Tratava-se, apenas, de um despique pugilístico, que em nada afectava a reputação pessoal do alvejado nem outros quaisquer atributos. Leopoldo de Lys convidava esse detractor dos seus méritos a encontrar-se no *ring*, num combate de 10 assaltos de 3 minutos, sem considerar o peso do adversário.

Poucos dias mais tarde creava-se a Federação Portuguesa de Boxe, que desde logo principiou a traba-

lhar na codificação dos regulamentos de combate.

A 9 de Abril, quando a carta de Nascimento de Lys parecia estar esquecida, veio a lume outra epístola subscrita pelo amador Humberto Vieira Caldas. Reptava todos os amadores portugueses para a disputa do título de campeão de Portugal, sob os auspícios da nóvel Federação.

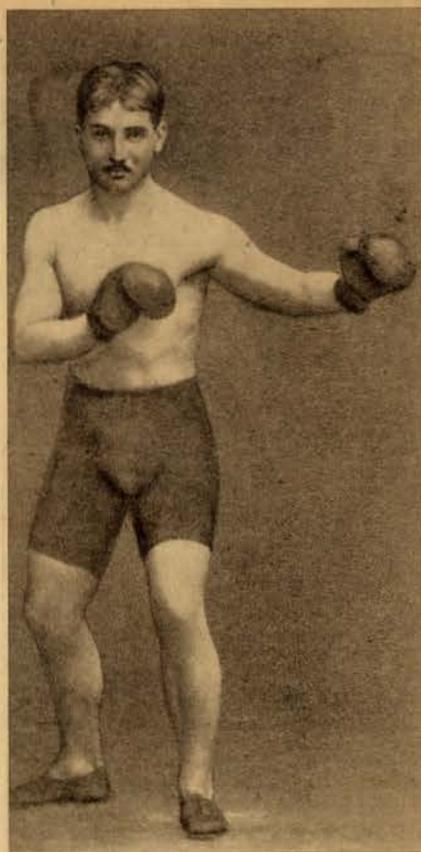
Lys levantou imediatamente esse repto e os dois pugilistas passaram a preparar-se para o futuro encontro.

A 28 de Abril, José da Silva Ruivo — que não ficara satisfeito com a sua derrota antecedente — combateu de novo Marques Neves, no Ginásio Clube Português.

Ruivo subiu ao «ring» como meio-leve e Marques Neves como «pêso leve».

Após dez assaltos, durante os quais Silva Ruivo dominou nos 1.º e 2.º, empatando os 3.º, 4.º, 8.º e 9.º e perdendo os restantes, o árbitro, Nascimento de Lys, atribuiu a vitória a Marques Neves. Convem salientar que tanto um como o outro sabiam pouco de boxe mas dispunham de muito entusiasmo e valentia.

A 26 de Maio realizou-se, por fim, o combate entre Caldas e Lys, no salão do Centro Nacional de Esgrima. Este encontro teve justa e profunda repercussão, de que ao tempo,



Carlos Marques Neves

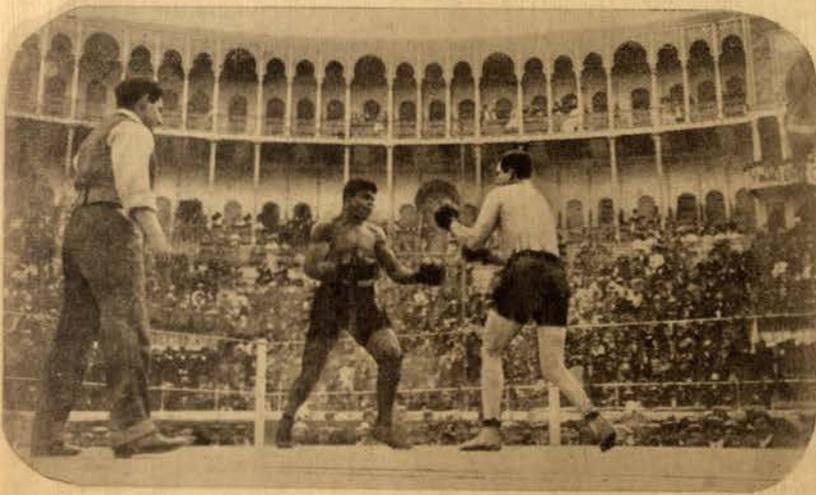
e ainda hoje, poucas pessoas deram fê.

Em primeiro lugar, não se resumiu a um assalto banal, sem entusiasmo nem rudeza, antes se transformou em pugna acêrba e sem quartel. Por outro lado, nenhum desafio havia até essa data apaixonado com tanta intensidade a opinião pública. Finalmente, o resultado convenceu os espectadores de que a fôrça não bastava para vencer, mas que só a técnica apurada garante a eficiência que conduz à vitória.

O encontro fixara-se em 10 assaltos de 2 minutos, sob a arbitragem do inglês Nicoll (Mac Nicoll, pelas 13 horas e 30 minutos. Caldas, treinara-se com os amadores Heliodoro e João Sassetti, o depois famoso esgrimista olímpico, enquanto Lys escolhera Joaquim Vital e Paulo Larroux para seus auxiliares.

O espectáculo iniciou-se com o combate entre Silva Ruivo, então com 57 quilos e Artur da Silva Alves, com 52,4, arbitrado por D. José Perdigão. Depois de dez assaltos a vitória coube a Silva Alves, por pontos, e o título (?) dos «meios-leves» fugiu a Ruivo mais outra vez.

(Continua)



Fase do combate-exibição Mac Vea-Fred Drummond (1909)



Três enfermeiras inesperadas...
as irmãs MEIRELES
assistiram em BARCELONA à operação de
Armando Ferreira

A Rosário e a Milita soltam alegres gargalhadas. A única que não ri é a Cidália. Decididamente, tomou a história muito a sério...

— E' o que lhe digo. Estou com o "menisco" avariado. E se não cheguei a fazer a operação, foi porque "vi" as dôres de que o pobre Armando Ferreira padeceu...

Faz-se um súbito silêncio. As três irmãs adoptam, simultaneamente, uma atitude de grande circunspecção e solenidade. Devem estar recordando as inesquecíveis cenas que presenciaram na Clínica do Dr. Moragas. E a Cidália diz-nos:

— Obtida a informação que pediramos sobre a natureza da doença de Armando Ferreira, encaminhamo-nos com o sr. Sequerra para o edificio onde estava internado o nosso compatriota. Ali chegadas fomos encontrar o simpático jogador bastante abatido com as dôres que sofria e também pela pouco agradável expectativa da operação que o aguardava. Mas logo depois da nossa chegada já conversávamos todos com muita animação e como se nos conhecessemos desde a infância. Armando Ferreira é um rapaz bastante comunicativo. E como nós também nada temos de reservadas ou taciturnas, sobretudo quando nos propomos precisamente o contrário, sucedeu o que tinha mesmo de suceder: quando nos retirámos, Ferreira confessou que nem havia dado pela passagem das horas, a tal ponto a nossa presença lhe distraira o espirito das dôres físicas que o atormentavam.

Cidália detem-se por momentos, mas a Rosário não deixa que a narrativa sofra quebras de continuidade:

— Nos dias seguintes, sempre que nos era possível, íamos fazer companhia a Armando Ferreira. Falávamos de tudo, especialmente de futebol. Nós não somos afeiçoadas a este desporto, mas como tôdas as coisas nos despertam infinita curiosidade, sobretudo aquelas de que apenas temos noções vagas, ouviamos Armando Ferreira com prazer crescente. Na véspera do dia em que deveria ser operado, e quando já nos preparávamos para sair, Ferreira deteve-nos com um gesto quasi de súplica e pediu-nos que não o deixássemos só na dura provação que viveria daí a vinte e quatro horas.

— E... que disseram?

— Não tivemos coragem para negar. Era superior às nossas forças. Por outro lado, já dedicávamos a Armando Ferreira muita estima. Não podíamos abandoná-lo, por consequência, em tão duro momento.

Rosário deixa de falar e olha para Cidália, esperando que esta retome o fio da história. Cidália, porém, começou de súbito a folhear uma revista e parece totalmente alheia da conversa. Milita, por seu turno, olha muito interessada para a ponta dos

(Continua na página 77)

ESTA rápida entrevista com as três gentilíssimas irmãs Meireles saiu com a maior naturalidade de uma agradável conversa, durante a qual o simpático trio nos contou o que o leitor poderá ler mais abaixo...

Julgamo-nos dispensados de fazer a apresentação das três graciosas artistas. A história curiosíssima das irmãs Meireles já foi divulgada por toda a imprensa com forte cópia de permenores, desde o momento em que Cidália abandonou o Pôrto para namorar o triunfo em Lisboa até que as três se reúnem em Madrid para actuarem no filme luso-espanhol "Os Cinco Lobitos".

A nossa entrevista, porém, não se refere a nenhum desses momentos básicos. Em rigor, fica situada entre os dois "raids" artísticos que as irmãs Meireles já fizeram a Espanha, precisamente na altura em que as três portuenses regressaram a Lisboa, depois de haverem trabalhado com êxito notável no famoso "Rygal", de Barcelona.

O tema continua a ser oportuno, especialmente agora, que Armando Ferreira está prestes a regressar às lides desportivas.

Ouçamos, pois, as irmãs Meireles, começando pela Cidália.

— Quando chegámos a Barcelona, o nosso velho amigo Isaac Sequerra informou-nos de que estava internado, na Clínica do dr. Moragas, o jogador português de futebol Armando Ferreira, afim de ser operado do menisco.

— Como reagiram vocês perante essa informação?

— Hum! Em primeiro lugar preguntámos o que vinha a ser isso do menisco. Era a primeira vez, devo dizer-lhe, que ouvía falar num nome tão escandalosamente esquisito!...

— E depois?

— Depois (responde vivamente a Milita) quando Isaac Sequerra nos deu a definição dessa estranha palavra, a Cidália confessou logo que, pelos vistos, também estava atacada por essa absurda maleita!

— Mas a Cidália não joga o futebol, que se saiba...

— Pois claro que não! — atalha a interpe-lada. Mas, pelo que me contou o Sequerra, nem só os jogadores de futebol estão expostos aos inconvenientes do menisco. E recordei-me que, certa vez, quando andava a pedalar pelas estradas circunvizinhas da Figueira da Foz, tive uma pequena "panne"... e cai... muito naturalmente.

— E magoou-se?

— Se quere que lhe diga, nessa altura nem dei por isso, tão embasbacada fiquei com o desastroso acontecimento. Mas depois, quando Sequerra me falou no menisco, senti logo uma estranha sensação no joelho direito.

— E concluiu...

— ...que também precisava de ser operada!



UMA CRISE JORNALISTICA... no SPORT LISBOA E BENFICA

REBÊLO DA SILVA, que chefiou durante dois anos a redacção do semanário do popular clube, expõe-nos as razões que o levaram a abandonar aquêl lugar

ENTRE camaradas não há etiquetas. Por isso a entrevista surgiu o mais naturalmente possível. Foi apenas questão de um encontro... e de duas chávenas de café.

Sabíamos que Rebêlo da Silva, cujos serviços, como jornalista, o Benfica solicitara há perto de dois anos, para a chefia da redacção do seu semanário privativo, pedira a demissão daquele cargo e que o facto, de inesperado que foi, agitou os sócios do popular clube.

E por que os motivos do afastamento de Rebêlo da Silva não ultrapassaram os limites da família benfiquista mais chegada ao clube, impunha-se o esclarecimento dos leitores da *Stadium* afectos ao popular clube dos encarnados.

Demos, pois, a palavra ao nosso camarada: — E com muito gosto que atendo ao convite da *Stadium*. Não esqueço que as iniciativas do jornal do Benfica encontraram sempre na vossa simpática revista o melhor acolhimento e que muito lhe ficaram devendo, como foi o caso do banquete de homenagem aos primeiros campeões do clube. E, pessoalmente, aprás-me pôr em relêvo neste momento a excelente camaradagem que sempre temos mantido.

«Começarei por lhe dizer que entrei para o jornal do Benfica com o propósito firme de o orientar no sentido de lhe imprimir características cem por cento clubistas, sem perda do respeito que, como sócio do clube e como jornalista, me merece a obra gigantesca realizada pelas outras colectividades. A direcção do clube, pela voz do seu então vice-presidente, Francisco Retorta, havia-me distinguido com uma solene afirmação de confiança que, perante algumas objecções minhas — e uma pelo menos assumia aspectos de certo modo graves — correspondia à máxima liberdade e independência. Verificava, assim, com a maior satisfação, que o clube confiava em mim, certo de que eu não atraícaria o pensamento colectivo. Que alguma coisa realizei nestes dois anos prova-o o facto de ter deixado agora o jornal com um aumento de tiragem de cerca de 30%, em relação ao que tinha quando veio parar às minhas mãos, incluindo-se nesse aumento o regresso de algumas dezenas de assinantes que haviam renunciado a recebê-lo até à data da minha entrada, por considerarem que a sua acção se afastara cada vez mais do campo benfiquista. Isto acrecido do êxito de algumas iniciativas que consegui levar por diante. Quere dizer: durante estes dois anos foi-me concedida a maior liberdade, a que eu correspondi com a garantia do meu trabalho prôbo e dedicado, inspirado única e exclusivamente na idéia de bem servir o clube. E posso acrescentar que me passaram pelas mãos alguns casos delicados, em que a minha acção se fez sentir o mais benêficamente possível. Destaco, no entanto, como padrões da acção que o jornal desenvolveu durante o tempo em que o chefié, as relações amistosas que o clube mantém actualmente com várias outras colectividades, relações essas em que o meu trabalho e dos meus dedicados colaboradores teve decisiva influência. Mas, se externamente só tenho motivos para vangloriar-me, internamente ainda tenho mais.

Uma homenagem justa a que os sócios e amigos do Benfica não recusariam, certamente, o seu concurso

— Como surgiu então o incidente que o levou a abandonar essa obra magnífica de confraternização desportiva?

— É que o homem põe e Deus dispõe... Quando tudo parecia navegar em mar bonançoso apareceu-me debaixo dos pés a casca de

laranja que havia de levar-me a apresentar o meu pedido de demissão. No dia seguinte ao do Portugal-Espanha tive a feliz idéia — porque eu considero-a feliz, apesar de tudo e por mais de um motivo... — de promover no jornal outra campanha benfiquista que consistia em convidar os sócios e amigos do clube a oferecer uma lembrança ao Francisco Ferreira pela sua actuação no jogo com os espanhóis.

Julgando-me possuído da mesma liberdade de movimentos que desfrutara até então, mandei pedir à direcção do clube que encabeçasse a lista dos subscritores dessa manifestação clubista, cujo alcance me dispense de encarecer, antes de aparecer a contribuição do jornal e a dos seus próprios redactores. Só isso. Com grande espanto meu, porém, foi-me dito telefonicamente, aliás o mais cortezemente possível, embora a utilização do telefone em tal emergência não me parecesse o caminho indicado, que a direcção não queria que tal homenagem se fizesse. E como eu tivesse insistido e declarado que apre. entaria a iniciativa como empreendimento dos redactores do jornal, o presidente da direcção acrescentou que não consentiria em tal. Alterava-se assim por completo o «modus-faciendi» das relações do jornal com o clube, com a agravante da questão ser posta num pé



REBÊLO DA SILVA

de intransigência que feria o meu brio profissional. Para evitar atritos com os jogadores, como chegou a aventar-se, acedia a incluir o Espírito Santo na homenagem, único que podia sentir-se melindrado, visto os suplentes não poderem estar em causa. Nada consegui. Esqueceu-se de uma rajada que eu estava a prestar um favor ao clube e que pelo menos tudo indicava que o modo de ver da direcção me fosse apresentado de outra maneira. Mas não há que estranhar, afinal, estas coisas. Elas são o pão nosso de cada dia. Menos natural, decerto, seria o contrário. Em presença da estranha comunicação de Felix Bermudes — estranha, repito, principalmente por ser contra o hábito — participei-lhe que fazia questão fechada do assunto e que desde êsse momento caducava a minha actividade jornalística no clube. Contudo, ainda se ofereceu oportunidade de esclarecer a minha posição e a dos directores. Comparei por isso a uma entrevista com Felix Bermudes, na secretaria do clube, mas a hora e meia que ela demorou apenas serviu para me fazer ver o quanto o presidente do Benfica anda longe das realidades da época. Segundo êle, por exemplo, os jogadores da equipa nacional apenas tinham cumprido o seu dever e êle já se tinha encarregado de os felicitar — aos do Benfica e aos dos outros clubes... Enfim, saí dessa reunião convencidíssimo de ter perdido o meu tempo, embora o presidente da direcção tivesse prometido levar o assunto novamente à próxima reunião. Por isso, antes dessa reunião, escrevi à direcção do clube pondo clara e objectivamente a questão de confiança. Ou a direcção ratificava essa confiança e em termos de eu poder levar por diante o empreendimento que tinha em vista — com ou sem o seu patrocínio, pois concedia essa alternativa — ou a recusava e nesse caso eu abandonaria o jornal. Em resposta, como corolário do que se passara na já referida reunião, a Direcção escreveu-me dizendo: «1.º — Que não reconhecia o menor fundamento à ilação que eu pretendia tirar de que a sua discordância com a iniciativa em causa envolvia falta de confiança na minha capacidade jornalística ou na minha devoção à causa benfiquista. Essa confiança era-me plenamente ratificada. 2.º — Continuava a não perfiilar a iniciativa porque ela acarretaria mais inconvenientes do que vantagens. 3.º — Não tinham surgido razões que a convenessem a conceder ao corpo redactorial do jornal a autonomia, a independência e a liberdade sem limites que eu pretendia.

(Continua na página 15)

O BENFICA em visita ao SPORTING



Durante a calorosa recepção feita no Sporting aos dirigentes do Benfica: à esquerda, Felix Bermudes e dr. Barreira de Campos, em sorridente vénia, tocam as suas taças; à direita, o presidente do Benfica sorri entre Daniel Queiroz, o sócio n.º 2 dos «leões», que parece satisfeíttimo, e António Couto, o n.º 1 na mesma «família» — que não está com expressão muito confiada...

Rápido e possante de princípio a fim

JOÃO LOURENÇO

foi o vencedor dos «100 quilómetros contra-relógio»

SOMOS por indole parcimoniosos em elogios. Também nunca nos deixámos influenciar por sugestões de estranhos, que se apressam a confiar-nos as suas impressões, para que analisemos os factos segundo o seu juízo crítico. O que escrevemos em matéria velocipedica, pese a quem pesar, é simplesmente o reflexo do que pensamos, são as conclusões a que chegámos — é, enfim, aquilo que a nossa consciência nos dita.

As nossas afirmações podem parecer ousadas. São todavia feitas com independência e sinceridade que muito gostamos de ver respeitadas — para que possamos respeitar as opiniões alheias...

João Lourenço, vencedor da corrida de 100 quilómetros contra-relógio, obteve no domingo, quanto a nós, a sua mais brilhante e emocionante vitória desde 1942, data em que principiámos a vê-lo correr. Ainda mais: este triunfo constituiu proeza atlética de maior vulto que a conquistada há três anos em prova idêntica, embora desta feita o tempo seja pior quasi 6 m. que o de então.

Em 1942 Lourenço teve, é certo, porte meritório, por haver coberto 98 quilómetros (é esta a distância exacta do percurso) em 2 h. 33 m. 43 s. Mas fê-lo num dia em que toda a gente andou, pois até Sereno e Ladislau Parreira, «segundos planos», se creditaram com menos de 2 h. 48 m., marca esta do 4.º classificado de agora. Também Lourenço naquele ano venceu apenas com uma diferença de 2 m. em relação ao segundo classificado — Raposo — que nunca foi especialista em provas contra-relógio. Desta feita, galgando exactamente 100 quilómetros em 2 h. 40 m. 24 s. e triunfando pela margem de 2 m. 50 s. sobre Eduardo Lopes, que não tendo grande queda para corridas contra o tempo fez todavia a sua melhor média de sempre, desta vez há que reconhecer que Lourenço teve um dos melhores dias da sua carreira. E o tempo do sportinguista, apenas inferior 54 s. ao de J. Martins, bateria este se a corrida de domingo não possuísse a chegada e a partida perto de um quilómetro de calçada — e quatro curvas em que há quasi que parar a bicicleta...

Querer é poder

Se algumas das vitórias de Lourenço não nos têm sugerido mais do que uma tendência

para vencer com o menor esforço possível, o triunfo obtido no domingo impressionou-nos agradavelmente, sobretudo pela maneira voluntariosa como foi conquistado. Brio, saber, cadência perfeita no pedalar, grande poder físico na parte final e relativo à vontade que nos indica estar o «leão» muito perto da sua melhor forma.

Salvaguardando a diferença que existe no poder físico de cada um, pois Lourenço é hoje o estradista mais potente, o que escrevemos sobre o sportinguista pode atribuir-se ao «iluminante» Eduardo Lopes, que correndo há 10 anos devia ter feito no domingo também a sua melhor competição — pelo menos a melhor contra-relógio. Exceptuando a de 1942, cujo tempo foi 2 h. 37 m. 5 s., Lopes tem melhorado de ano para ano. Em 1943 ganhou em 2 h. 50 m. 42 s.; em 1944, em 2 h. 50 m. 42 s.; e este ano em 2 h. 43 m. 10 s.

Lopes mostrou o que se pode fazer levando vida regrada e preparação intensa, quer hibernar quer no período de treino. Pedalando em «souplesse», mas agindo em constante tensão de nervos, Lopes foi, como Lourenço, de absoluta regularidade em toda a prova, mantendo até final a cadência de 93 a 98 pedaladas por minuto.

A espera de melhor

A prova de Rebelo não atingiu o que dele poderia esperar-se. O tempo no domingo é o pior que fez desde 1942 para cá: 2 h. 40 m. 38 s.; 2 h. 39 m. 40 s.; 2 h. 40 m. 20 s. e 2 h. 43 m. 58 s. Disseram-nos que o seu fraco rendimento foi motivado por insuficiência de «desmultiplicação». É possível e gostaríamos de nos demorar a analisar a prova do campeão distrital. Não o fazemos, porém, porque Rebelo é, justamente

muito cioso do que sabe — e não queremos que a nossa modesta opinião vá exercer influência na sua maneira de correr.

Provas a realçar

Júlio Mourão fez sem dúvida prova de valor, terminando-a em boas condições físicas. Estimulado sempre durante a corrida por pessoa a quem muito deve, fez agora menos 24 s. que em 1944. Deve estar também em «forma». Chegou portanto a altura de treinar — pois tem de se lembrar que pode ir a Espanha — mas sem forçar.

Quanto a Jorge Pereira, as suas corridas vão melhorando dia a dia. Princípios a época quasi sem treinos, mas as provas vão revelando as suas qualidades: habilidade e rapidez de movimentos.

Dos outros concorrentes, José Ferreira e Pais Cabral fizeram o que logicamente deles se poderia esperar; Rocha, Aristides e Túlio em mau dia, tendo no entanto possibilidades de obter melhores marcas; os restantes sem preparação suficiente para uma corrida de 100 quilómetros contra-relógio.

Aristides Paulo e José Maria venceram em amadores

Nas provas de amadores, os seniores desta vez foram batidos em tempo pelos juniores. Naqueles há que assinalar a vitória de Aristides Paulo, sobre um lote de 9 corredores e numa embalagem final espectacular. Nos juniores, o «lourinhense» José Maria Junior impôs-se mercê do seu poder, que lhe permite — a nosso ver erradamente — puxar sempre por grandes andamentos, quer a subir quer a descer. Isolando perto da meta, chegou destacado.

Merece ainda relevo, na prova de seniores, o comportamento de Guilherme e José Jacinto, que partindo com um atraso de 9 m. fizeram a corrida isolados, vindo o primeiro a chegar apenas com 3 m. perdidos em relação ao vencedor.

GIL MOREIRA

DUAS NOTAS POR SEMANA

NO ESTRANGEIRO

NUM dos recentes números do Boletim «Delegación Nacional de Deportes» de Espanha foi transcrito, por se encontrar em vigor, o seguinte acordo, tomado desde 21 de Janeiro de 1941 pelo citado organismo superior: «Fica proibida, com carácter geral, a participação de estrangeiros em loda a classe de campeonatos nacionais desportivos, assim como em provas de preparação para os mesmos, quer tenha característica individual ou por equipas».

«As Federações Nacionais apenas poderão autorizar a participação de estrangeiros em tais campeonatos e provas na condição de precisar, e fazer previamente constar, que as ditas participações eventuais são permitidas «fora de concurso» e sem opção ao título, que corresponderá ao espanhol, cu equipa exclusivamente formada por espanhóis, que fique melhor classificado na mesma competição».

«Ficam, portanto, sem nenhum efeito, a partir desta data, todas as cláusulas regulamentares federativas ou de quaisquer sociedades desportivas que estejam em desacordo com esta determinação, pela qual ficam obrigadas todas as entidades organizadoras de campeonatos, ou provas de classificação para campeonatos, a assegurar-se previamente da nacionalidade dos indivíduos que desejem inscrever-se para as mesmas».

Esta determinação, que parece ser desconhecida por grande número de pessoas envolvidas no movimento desportivo, estabelece uma doutrina exclusivista curiosa, que no nosso país foi adoptada para os desportos individuais, mas que não houve ainda o rigorismo de alargar aos jogos de carácter colectivo.

EM PORTUGAL

A Federação Portuguesa de Ciclismo deu a conhecer a lista dos corredores previstos para o grupo de possíveis representantes portugueses na Volta a Espanha em bicicleta. Segundo resava a mesma nota officina, aquêles desportistas não ser sujeitos a preparação física especial, sob a vigilância do Inspector respectivo da Direcção Geral de Desportos.

O assunto reveste-se de importância a considerar e bom seria que, sem grande demora, esse plano, que por enquanto é apenas projecto, passasse à realização efectiva.

Preparar fisicamente um grupo de homens dispersos não é coisa muito fácil, sobretudo ponderando que prosseguem a actividade desportiva de competição sob o mando de orientadores técnicos cujos critérios naturalmente divergem.

Embora a participação portuguesa na grande prova espanhola esteja alheada do aspecto de representação nacional e a autorização superior tenha especificado que os seleccionados correm pelos clubes respectivos, associados apenas para efeitos de classificação de equipa, houve o cuidado de confiar ao organismo federativo a escolha dos melhores elementos, para que de facto sejam os melhores, e ainda se determinou que intervenha para que esses melhores se apresentem, no momento próprio, em condição optima de aproveitamento das suas faculdades.

Porque entendemos, por principio doutrinário, que a unidade de critério é indispensável à eficaz coordenação de esforços, esperamos para já que a Federação indique o chefe de equipa, a quem competirá orientar a preparação e a corrida dos ciclistas portugueses na «Volta a Espanha».

FLECHA

é a melhor bicicleta

Três enfermeiras inesperadas

(Continuação da página 5)

seus elegantes sapatos. Nenhuma parece disposta a referir-se ao momento supremo da operação.

O reporter tenta, em vão, obter algumas informações sobre o assunto. Mas as únicas palavras que ouve são estas:

— Estivemos por detrás de um vidro enorme, sem perder um só pormenor da dolorosa operação. A cara do doente estava horrivelmente crispada e os olhos do operador e dos seus ajudantes tinham um brilho estranho, perturbante. O silêncio era completo. A Rosário, em dado momento, tapou o rosto com as mãos e começou a soluçar baixinho. Aquilo era pior do que um pesadelo...

Nova pausa. A Cidália parece ter-se arrependido de abordar o assunto. Mas, ante a nossa insistência, accede a concluir a sua narrativa:

— Só voltámos a ver Armando Ferreira quando ele entrou em convalescência. Tinha já bom aspecto e estava mais bem disposto do que nunca. Andava sobre umas meletas e isto parecia divertí-lo bastante. Quando regressámos a Lisboa veio despedir-se de nós à estação de Barcelona. Agradeceu-nos muito reconhecido o pouco que tínhamos feito por ele. E confessou-nos o seu entusiasmo pela ideia de voltar em breve aos campos de futebol. Julgo que foi isso o que lhe deu ânimo e coragem para enfrentar a operação. Eu, porém, como não tenho nenhuma perspectiva desse género a animar-me, talvez nunca arranjar coragem para entregar o meu menisco aos ferros de um operador...

X Cidália Meireles solta um suspiro profundíssimo...

ARMANDO BLANCO

*Num campeonato
já com um Campeão—
—uma jornada com algumas surpresas e muitos "goals"...*



NO ESTORIL: 1 — António Marques carrega Valongo, que consegue repelir a bola a sóco. Ferreira corre, para o que der e vier...; 2 — Alberto opõe-se ao centro de Jesus Correia, que viu sair o esférico pela cabeceira; 3 — Ultrapassados Sbarra e Alberto, Virgolino centrou com conta — e Jesus Correia marcará o 2.º ponto do Sporting. NO PORTO: 4 — Desta vez, João lançou-se a tempo para deter o remate de Teixeira; 5 — Um instantâneo que foca a enorme agilidade de Espírito Santo, num passe de cabeceira. EM OLHÃO: 6 e 7 — A «couplisses» tem de ser dos principais atributos de um bom «keeper». Barrigana prova possuí-la em qualquer das defesas focadas nas gravuras. NAS SALESIAS: 8 a 11 — Como entraram nas redes dos estudantes quatro dos quinze «goals» obtidos pelo Belenenses.

O grande campeonato

(Continuação da página 2)

Pôrto que arranco o empate em Olhão; mais uma vez conseguiram os algarvios, à força de dedicação e sacrifício dos seus homens, o empate.

Uma conclusão aparece claramente: a linha avançada de Olhão acusa abaixamento de forma. Só isso? Estamos convencidos que a passagem de Cabrita para o pósto de interior, e o alinhamento de Eminência, que não tem o poder do outro, enfraqueceram o conjunto. Vale à equipa, no entanto, a maneira como se está a comportar a linha medular, especialmente esse extraordinário jogador pela energia, que se chama Grazina. Não esquecendo a defesa, com log de destaque para o guarda-rédes. É bem de ver que o *team* conserva as suas qualidades, entre as quais essa poderosa arma que se chama velocidade, e daí poder concluir-se que o *team* bem depressa se restabelecerá.

O Pôrto não podia ter se portado melhor. Afirmou-se excelentemente na mecânica do seu jogo, com visíveis preocupações de ordem prática. Teve jogadas de virtuosismo, tendo influido no rendimento do onze o regresso de Artar de Sousa, ainda que o conjunto continue ferido por perdas como a de Gomes da Costa. Sendo certo ter o Pôrto jogado mais no ataque, não há dúvida que a defesa correspondeu às exigências da partida, sobretudo a unidade das rédes. Concluindo: já se vê uma nova orientação no campeão do norte.

Nas Salésias — o Belenenses conquistou um *record* na Primeira Divisão. Tem esta vitória, no entanto, um grande significado? Ha que ver as coisas profundamente. A Académica, já em crise, deslocou a Lisboa um onze desalocado, por causa das férias, um *team* que, principalmente na defesa, não conseguiria resistir quando a lata aquecesse... Por todas as razões e por mais uma — a da inexperience.

O desafio dividia-se em duas partes, não só regulamentarmente como no que respeita a jogo propriamente dito: uma primeira em que ainda se lutou, e por vezes com equilíbrio; uma segunda em que o *team* académico se afundou por completo, esgotada a energia e o fôlego.

Via-se então, em todo o seu esplendor, a faculdade de domínio de bola por parte dos atacantes belenenses, que desenvolveram jogadas caprichosas com o ar mais natural deste mundo, não se esquecendo ainda de dar uma feição prática à sua tarefa.

Em Benerheval, o encontro decorreu com

BARREIRA DE SOL

Campo Pequeno, 1 de Abril

COM a habitual enchente do início da época, lideraram-se oito loiros de Norberto Pedrosa, de escassa bravura mas bem apresentados, contrastando sob este aspecto com o esquelético jôgo de cabrestos que os recolheu.

Os cavaleiros da tarde, Alberto Luiz Lopes e Murteira Correia, pouco partido puderam ou souberam tirar dos seus inimigos. Agradou-nos mais o segundo, melhor montado e mais calmo. Na segunda parte, ambos fecharam a lide com a disculvel sorte de banderilha a cavalo, lido do agrado de uma parte do público.

Carnicerito de Mejiço, valente e mais nada. Banderilhou mal, tentando em colocar ferros de palmo (ou de meio palmo) em loiros que pouco ou nada se prestavam para o efeito. Com a **mulata**, não soube aproveitar o único animal que noutras mãos se prestaria a uma lide repousada e vistosa. **Espartero**, mexicano novo entre nós, colocou no seu primeiro dois pares vulgares de banderilhas, nada mais fazendo que nos permitia antecipar um juízo sobre os seus méritos artísticos.

Os nossos patrios Procópio, Correia, Sa-raiva e Dias, diligentes e acertados na breja.

J. E.

vantagem para o Vitória (Setúbal). De modo geral, se exceptuarmos o período final, a superioridade setubalense afirmou-se claramente, como *team* em conjunto e no confronto de unidades.

Os setubalenses serviram-se da sua excelente arma de velocidade para se instalarem no campo do adversário. Em geral, da rapidez resulta a facilidade de antecipação. E foi o que sucedeu: mereceu disso o Vitória (Setúbal) desenvolveu ataques bem concebidos, à base da passagem triangular e rasteira. (Uma vez ou outra, também lance por alto. De resto, a reacção vimaranesse concebe-se propriamente. Dominado nas linhas gerais do jôgo, e tendo dois *goals* contra, o grupo sentia perfeitamente a imperiosa necessidade de reacção, a última e desesperada tentativa para recuperar o perdido, em tempo e trabalho. Esta atitude do grupo de Guimarães deve destacar-se. Porque a verdade é uma: o Vitória (Guimarães) não esteve nos seus dias felizes: fraquejou no conjunto, não chegando os seus melhores valores à bitola normal.

A partida do campo Augusto Lessa conta-se em meia dúzia de palavras: Mostrando a sua capacidade técnica, o Benfica jogou com toda a tranquilidade. Tendo conseguido quatro *goals* no período da meia hora inicial — tal permitia-lhe encerrar o resto da partida com o sorriso alegre de satisfação. As episódicas reacções do Salgueiros foram abafadas em termos das rédes benfiquenses e conservarem imaculadas. E é tudo.

SEPARATA nêste número: uma fotografia de ANJOS capitão de F. C. do Pôrto

ECOS DO I PORTUGAL-ESPANHA EM XADREZ

O PROBLEMA DA SELECÇÃO NACIONAL

O critério seguido na selecção dos jogadores que formaram a equipa portuguesa, no recente encontro de xadrez com a Espanha, foi bem aceite, no geralidade, por todos quantos estão a par das dificuldades a vencer na emergência.

Justifica-se assim a curiosidade que despertou no meio lisboeta a opinião do dr. Carmo Vaz, xadrezista de Coimbra, que o nosso prezado colega «A Bola» publicou num dos seus últimos números. Esta crítica foi, porém, recebida com reserva, não só pela sua natureza como pelo conhecimento que existe das nossas pequenas possibilidades de organização e pelo pouco que se sabe para estabelecer confronto elucidativo entre os jogadores da capital e da provincia.

O sr. Carmo Vaz tem razão quando afirma que não jogaram os nossos melhores xadrezistas. Simplesmente: jogaram, sim, os melhores de que podíamos dispôr de momento! É fora de dúvida que contamos com outros jogadores mais categorizados — mas não puderam comparecer. É o caso, por exemplo, dos drs. Mário Machado e Gabriel Ribeiro, como já referimos nestas columnas, que tiveram de ser substituídos por dois elementos de 1.ª categoria do G. X. L., em face da falta de Mestres que pudessem jogar. Também já eludimos aqui ao facto de Mazoni da Costa, por se encontrar doente e há muito afastado de compellções, não ter podido ser utilizado para lido dura prova. Lógico, pois, foi recorrer-se a dois dos jogadores mais colados que restavam. A inclusão de Rui Nascimento, último classificado do torneio de Mestres, esteve longe, assim, de ser «um erro psicológico». É para quem conhecia as grandes possibilidades do conceituado xadrezista setubalense não subsistiam dúvidas de que era, de certo modo, dos melhores jogadores de equipa.

Os Júniores da A. F. L.

TERMINOU no domingo a primeira fase do campeonato de «júniores» da A. F. L., que durante catorze semanas se desenrolou com absoluta regularidade e interesse. Das vinte e três equipas concorrentes, apenas seis podem agora aspirar à conquista do título. São elas o Atlético, Belenenses (B), Benfica, Sporting, Fozos e Belenenses (A), que vão participar da segunda fase do torneio em condições de haver luto ardorosa e de muito valor. A sua qualificação para a final não foi tarefa fácil. Bem pelo contrário. Os adversários que lhes coube defrontar bateram-se sempre com entusiasmo e tornou-se, na verdade, preciso revelar conjunto afinado para assegurar a passagem à «spoule» final.

O Belenenses, depois de um começo de prova pouco auspicioso, termina em evidência. Os seus dois grupos asseguraram a continuação na prova. O Benfica, campeão da época passada, o Sporting, o Atlético e o Fozos, provaram também exuberantemente o que valem, de modo que é difícil vaticinar um futuro campeão. Na última jornada das eliminatórias, o Benfica (A)-Sporting chamou as atenções gerais. Como se a rivalidade existente não bastasse, havia, ainda, o interesse pelo resultado da luta: apurar o vencedor da série. Não admira, portanto, que o campo dos «encarnados» registasse quasi uma enchente. E porque este desafio constituiu o «grande acontecimento» da jornada, não fica mal compararmos os nossos comentários por nos referirmos a ele. Durante a prova, o Sporting figurou sempre à frente da classificação, mas a verdade é que o Benfica, não só pelos resultados que um e outro obtinham, mas também pelo próprio mérito das exhibições, se creditara como melhor equipa. Tardou, porém, em formar essa superioridade. Só no domingo as «coisas» se esclareceram devidamente. Os «encarnados» ganharam por 5-0. Isto diz tudo, ainda que pareça poder atribuir-se culpas ao guarda-rédes «leônico». Um apontamento: em treze desafios os «leões» sofreram três «goals»; pois só no domingo consentiram cinco.

Vejam, agora, de relance o que deram os outros desafios. Na 1.ª série havia certas dúvidas quanto ao segundo classificado: Belenenses (B) e Estoril aspiravam a essa posição, pois os «azuis» tinham só um ponto de avanço. As duas equipas empunharam-se com vontade de vencer e ambas o conseguiram. Os seus adversários, o Parede e o Paço de Arcos, perderam naturalmente. O Atlético terminou com uma vitória justa sobre a C. U. F.

Na 2.ª série, além do Benfica-Sporting, jogaram o Palmense com o Arroios e o Casa Pia com o Desportivo Operário. Dois desafios de características diferentes: no primeiro houve equilíbrio, como o significa o resultado de 1-0 a favor do Palmense; no segundo os 7-0 do Casa Pia denunciam claramente a sua vantagem.

Na 3.ª série, o Fozos firmou claramente a sua vantagem sobre o Benfica (B) e o Belenenses voltou a fazer alarde de excelente forma, alcançando sobre o Operário o melhor resultado da jornada (10-9).

DIAMANTINO DIAS

Quando à escolha de Nandim de Carvalho, que pode parecer a mais problemática, nada tem, contudo, de «misteriosa». Se bem que não usufrua a mesma posição de relêvo dos outros componentes da equipa, a verdade é que deu boas provas no torneio de selecção, não tendo perdido nenhuma partida com os Mestres.

Não havia pois que hesitar — e constituiu-se a selecção dentro de um critério recto. Não havia por onde seleccionar. O panorama nada linha de animador... Quais os jogadores que deviam preferir-se a Nascimento? Nandim ou qualquer outro? Nem Alexandre Gonçalves, que não confirmou as perspectivas criadas, nem Correia Neves, destreinado e com escassas probabilidades de poder comparecer. Sabia-se, realmente, que existiam em Coimbra xadrezistas de fibra. Mas que provas haviam prestado? E nada se sabendo do campeonato da cidade universitário — quem estaria indicado para vir a Lisboa? O dr. Carmo Vaz cita o dr. Baloreu. Mas que opinião podia formar a entidade responsável perante meio dúzia de partidas, desconhecendo o valor efectivo do jogador em confronto com os consagrados? Além disso, de que valeriam os conhecimentos e prática de tabuleiro do dr. Baloreu, se o factor mais importante é a experiência do jôgo de competição? Seria lógico preferir um jogador menos habituado à dura prova de quatro ou cinco horas consecutivas de jôgo, com o lic-tac do relêvo nos ouvidos?

Em conclusão: não cremos que alguém, com pleno conhecimento dos factos, possa discordar do critério seguido para a selecção.

Nêstes problemas apenas se deve focar um pormenor digno de estudo e solução: o afrezo do desenvolvimento do xadrez nos centros menos favorecidos.

VASCO SANTOS

HANDBALL

Sinal de alarme

MAU, muito mau serviço prestou a Associação ao «handball» lisbonense com o seu campeonato... fantasma! As equipas melhor apetrechadas, defrontando grupos inexperientes, aos quais infligiam sem necessidade de aplicação, derrotas catastróficas, perderam o ritmo de jogo e apresentam-se agora, na fase decisiva da competição em evidente crise técnica.

Assistimos no domingo ao encontro entre os dois grupos que marchavam invictos na vanguarda da competição e, julgando pela sua exibição, joga-se pouquíssimo «handball» nos clubes de Lisboa.

Voltamos ao sistema do agarrar e como os senhores árbitros regionais descobriram agora um método novo de julgar as faltas na área, concedendo grandes penalidades, por simples entradas irregulares, em ponto desviado da zona central de tiro e em ocasiões que nem sequer correspondiam a momento de remate, os jogadores atacantes voltaram à lamentável toada antiga de batimentos no solo e voltinhas em frente da baliza, no propósito evidente de provocar a falta do adversário e beneficiarem da penalidade de treze metros.

O Sporting venceu pela diferença mínima o desportivo da Cuf, mas deve dizer-se que sofreu o último ponto mais de três minutos depois de acabada a meia hora legal do segundo meio-tempo. A vitória pertenceu-lhe legitimamente, apesar de haver desperdiçado duas grandes penalidades.

O encontro foi pouco agradável e raras as fases claras e bem construídas; a defesa exagerou o recurso de agarrar, principalmente os homens da «Cuf», alguns dos quais agiram com demasiada dureza e servindo-se de processos incompatíveis com a classe e reputação de jogadores leais e correctos.

No terreno das Salésias—onde uma semana antes se haviam registado incidentes censuráveis e que, por não serem inéditos, provam no público uma indisciplina que não deve repetir-se e compete aos próprios dirigentes morigerar—o Belenenses foi derrotado pelo Estoril Praia, decorrendo a partida no melhor ambiente e com grande animação.

Na série secundária, que serve para indicar os quatro restantes componentes da Divisão de Honra para a época próxima, «Os Treze»

O torneio de iniciação da A. P. L.

Comentários aos dois primeiros dias de prova

CRÓNICA DE RAFAEL BARRADAS

AS eliminatórias e as meias-finais do «Torneio de Iniciação» organizado pela Associação de Pugilismo de Lisboa, foram tão dissemelhantes quanto se pode imaginar.

As provas do primeiro dia não tiveram o menor brilho. Quasi todos os amadores concorrentes se mostravam hesitantes e incapazes de esgrimir com os punhos. Os mais rudimentares primores da técnica—noção de «guarda», movimento dos membros inferiores, emprego dos golpes, etc.—tudo foi deficiente. No segundo dia já os combates ganharam colorido e animação. Os jogadores exibiram-se melhor e foram mais felizes no seu comportamento.

O Lisgás continua sendo o clube mais homogéneo na representação, mas os seus pugilistas não nos agradaram tanto como alguns concorrentes que se preocupavam por boxear em linha.

Na categoria *levíssimos*, Guilherme Pereira (L.) derrotou José Soares (A.) na eliminatória e Eugénio Machado (G.) na meia-final. Por ter fraca estatura e membros curtos, prefere lutar a pequena distância, como é lógico.

Soares tem fraca constituição e insuficiente preparação física para jogar o boxe. Deve, primeiro, robustecer-se e mais tarde aprender

perdeu o seu jogo com o Benfica, que deu assim um seguro passo para conquistar o primeiro lugar, pois se defez do mais perigoso contendor.

Para os outros dois postos são três os candidatos: Marvilense, Internacional e Atlético, merecendo realce a proeza do último, que em dois encontros marcou 23 bolas.

Falemos ainda do encontro entre as selecções de Lisboa e do Porto, que volta a ser tratado com interesse e probabilidades de êxito. Desde a gloriosa jornada de Madrid, os elementos representativos da capital não voltaram a reunir-se e a prova contra os portuenses é caso muito sério, para que possa ser levado de ânimo leve.

JOSÉ DE EÇA

a ciência do pugilismo. Aliás, esta é a regra geral para todos os iniciados «com o esqueleto à vista»...

Eugénio Machado agradou-nos tanto como Pereira, em especial no 2.º assalto do combate. Aplicou bem os «directos» esquerdos e seguiu a tempo com «hooks». Foi derrotado pela sua inferior robustez.

Inácio de Araújo (A.) dispôs de Edgar de Sousa (L.), por inferioridade, ao 1.º assalto. Ambos crús e Sousa muito frágil na ponta do queixo.

Eugénio Machado (G.) eliminou José Bernardino (R. J.), por pontos, em 4 assaltos. Combate fraco, com abundância de «swings» e esquivas a mais. É interessante salientar o bom comportamento de Machado, na meia-final já descrita.

Na categoria dos *meios-leves*, Severino Carvalho (L.), bem guardado e calmo, mas recesso e parco de iniciativa, venceu por pontos Francisco Marques (E. P.). A vitória foi discutível, pois, para vencer, precisa de atacar e golpear mais que o adversário. Entretanto, parece-nos um amador com possibilidades.

António Morgado (L.) dominou Eduardo Nuns (R. J.) por suspensão ao 1.º assalto. O poder físico de Morgado foi concludente. De lamentar e admirar a hesitação do árbitro, sr. Seródio, não suspendendo o combate logo que Nunes se mostrou incapaz de prosseguir.

Na categoria dos *meios-léves*, Américo Antunes (C.) venceu Manuel Régo (C.) por pontos. Qualquer dêles tem escassa prática—e nenhuma escola. Ao movimentar-se, Antunes troca as pernas de maneira aflitiva. Na meia-final ganhou a Espírito Santo (L.), por não comparação (justificada) do pugilista do Lisgás.

Espírito Santo havia combatido Manuel Nunes (A.) na eliminatória e ganhara depois de combate furioso, que Machado Júnior dirigiu dificilmente.

Artur Silva (R. J.) havia sido apurado por falta de comparação do contendor. Na meia-final foi derrotado Mário Costa (L. G.), fazendo ambos um esplêndido e corajoso combate. Silva aguentou imenso mas no final do 3.º assalto vimo-lo perigosamente *groggy* em torno «ring». O árbitro A. Falcão foi pouco expedito e devia ter suspendido a continuação da luta, depois do *knockdown* de A. Silva.

Nos *meios-médios*, Paulo Lopes (A.) e Agostinho de Brito (L.) fizeram um bom combate vigoroso. Brito perdeu por falta de fôlego mas o seu golpe da «direita» mostrou-se sempre perigoso. A vitória, por pontos, foi justamente aplaudida.

Em *médios*, na eliminatória, Rogério Amador (G.) venceu Angelo Santos (L.) por abandono, ao 3.º assalto. Amador é mexido e agradeu, mas resta saber como se portará quando for atingido nas feições. Santos é lento e pouco confiante nos seus meios.

O outro combate da *meia-final* pôs frente a frente Carlos Rocha (C.) e Júlio Viana (E. P.). Rocha não esgrime e prefere batalhar com *swings* ao acaso. Avança de cabeça baixa, irregularmente, bate na nuca, etc., mas a calma de Viana parecia-nos garantir-lhe a vitória.

Puro engano. O primeiro sôco na cara anulou por completo as possibilidades do representante do Estoril-Praia e desde então vagueou pelo «ring», sacudido e sem defesa. No 2.º assalto é abatido e atordado. O árbitro, aliás algo tarde, suspendeu o combate desigual e atribuiu a vitória a Carlos Rocha. O público protestou sem motivo.

De censurar, e não consentir noutras ocasiões, foi a atitude de dois conhecidos pugilistas profissionais, um subindo ao *ring* sem autorização e o outro sustentando um pequeno conflito na assistência.

No conjunto, o torneio mereceu o acolhimento que lhe damos e o segundo dia de provas, sobretudo, agradou-nos inteiramente.

Hoje realizam-se os combates finais.

O aniversário do FUTEBOL BENFICA



Na sessão solene efectuada na sede do já popular Futebol Benfica, o capitão Santos Romão, dedicado sócio do clube, discursa perante os representantes da Direcção Geral de Desportos e governador civil e dos directores da Federação de Futebol, que se encontram na mesa de honra

ATLÉTICO Venceu o Campeonato da II Divisão



Uma vitória justa que exprime mais energia e melhor jôgo

ENTRE os jogos de uma competição já morta e uma final, sempre um desafio diferente de todos os outros, ainda quando mau, e mesmo da Segunda Divisão — não havia que hesitar. Encaminhámos os nossos passos para o campo do Lusitano.

Não os perdemos. Repetimos: mesmo de fraca qualidade, nas finais encontra-se em geral de tudo: um pouco de bom association; jogadas à deriva, na sensação de muitas horas inutilizadas em hora e meia; dramatismo e emoção; alegria de superioridade de um grapo sobre o outro; e até as chamadas jogadas subterrâneas, a que o jogador recorre quando vê a esperança fugir-lhe. No fundo, a tragédia da própria final.

Esta final da Segunda Divisão do Campeonato Nacional atraiu-nos ainda noutro aspecto: um pouco extenuados de ver encontros em que os nomes dominam e sobrelevam o conjunto, também não deixava de ser curioso ver um desafio em que ambos os conjuntos dominavam os nomes. E cá uma maneira de ver as coisas...

O nosso gôsto por estas partidas é tão decidido que ainda as apreciamos quando elas não são o que deveriam ser: luta equilibrada do principio ao fim, vibrante, generosa de esforços gigantesca. Na verdade, o Atlético mostrou-se superior logo no primeiro pontapé, e isso tirou-nos a emoção a que nos achávamos com direito. Mas ninguém tem culpa de que o desafio tenha decorrido desta forma.

Em tudo — o Atlético foi superior: na coesão da defesa; na compenetração e inteligência da linha medular; na arte e no comando da célula avançada.

A Cuf, conjunto de jogadores experientes e homens que não passam hoje de promessas, não pôde resistir nem suportar a melhor organização do Atlético.

Lutou, reagiu, defendeu-se e atacou, por vezes, mas dando sempre a sensação de team com muitas deficiências, não tendo o mérito de suprir pela energia o que lhe faltava em ciência. Porque essa qualidade era ainda mais vincada no campo do adversário.

No fim e ao cabo — Atlético, campeão da Segunda Divisão, com o resultado de 2-0. Uma justiça. O jôgo, certo, não foi famoso. Mas nós somos daqueles que nos contentamos com pouco.

No espectáculo dos toiros (passa a lembrança) a faena do artista pode ser desligada, e fora do seu sítio, mas dar-nos momentos inesquecíveis. Um relâmpago. Uma luz viva. No futebol — sucede o mesmo, por vezes. Um desafio mau torna-se memorável por um ou outro golpe. Estão neste caso o primeiro goal do Atlético, verdadeiramente de bandeira; e uma defesa de Eduardo Santos a um shot grande, que deixou o guarda-rédes como que inanimado pelo esforço produzido.

Nunca mais esqueceremos semelhantes lances! Nesta beleza perde-se a validação do goal-offside, o segundo, do vencedor.

Para quê estragar-se, com pormenores de arbitragem, mesmo que importantes, a bela evocação do que houve de melhor nesta final — a justa expressão de um clube que teima em rasgar vóo no espaço?

T. da S.



1 — Micael revira uma bola sob as vistas de Carlos Pereira; 2 e 3 — Fases do ataque do Atlético; 4 — Catinana bate Eduardo Santos e faz o 2.º ponto alcaitarense; 5 — Armando carrega Eduardo Santos sem êxito.

PORTUGAL DESPORTIVO



O grupo de reservas do Desportivo das Aves



Clubes da provincia

O Clube Desportivo das Aves

2.º classificado numa das séries do campeonato nacional de futebol da II Divisão.

A sua fundação data de 12 de Novembro de 1930. Foi organizado por um grupo de rapazes com amor à sua terra e ao desporto. Cotizaram-se entre si, para a compra de bolas, equipas e calçado, jogando aqui e ali, onde podia ser, em campos de empréstimo. Começou pobre e modesto, na freguesia de S. Miguel das Aves, que é das mais populares e industriais do concelho de Santo Tirso.

Vai, pois, para 15 anos. Apesar da modestia dos primeiros tempos, tem presentemente sede, possui um excelente campo de jogos — o campo das Fontainhas, em S. Miguel das Aves — ergue com orgulho a sua bandeira e afirma-se como das colectividades mais operosas, em desporto, no Douro Litoral. Conta perto de 500 sócios. E pelo seu campo, dos mais apreciados na provincia, têm passado os melhores clubes de futebol do Porto e de Vila Nova de Gaia.

Em futebol, o Desportivo das Aves tem conquistado honrosos lugares na classificação de campeonatos regionais, bem como no Campeonato Nacional de II Divisão. Este ano, incorporado na mesma série com o Leça do Porto, Vilanovense, de Vila Nova de Gaia e Famalicão, conseguiu o Desportivo das Aves obter o segundo lugar, apenas a três pontos do vencedor, o Famalicão, derrotado pelo Desportivo das Aves, no último desafio da «poule», por 1-3. Em 8 jogos, ganhou 4, empatou 2 e perdeu 2.

Em futebol, o Desportivo das Aves campeão distrital há duas épocas (1943/44 e 1944/45).

Nas Aves há também entusiasmo pelo ciclismo. Ainda no ano passado se disputou o Circuito Ciclista das Aves, ganho individualmente por Anceto Bruno, e pelo Futebol Clube do Porto por equipas.



Presentemente, fazem parte da direcção do Clube Desportivo das Aves pessoas da mais elevada posição social, pelo que é de esperar que o valeroso clube minhoto se engrandea, elevando-se a nível de superflor entre as colectividades congéneres da II Divisão do Campeonato Distrital do Porto.



PORTO: 1 — O estorão do Ramalense, que venceu o Académico no 166.º de Bussacém; 2 — Divisão de honra, ELVAS; 3 — DR. Miguel Teles de Carvalho e José Martins, vencedores das mais importantes provas do concurso internacional de tiro aos canhões; 4 — O Sr. Ayala Botto, Inspector da D. G. D., faz entrega de uma taça ao dr. Manuel Teles de Carvalho; AMARRANTE: 5 — Grupo de caçadores amarentados, que se à sua parte abasteceram três javalis na hadda ditimamente feita na serra do Marão, sobre o patrocínio dos Serviços Florestais. COIMBRA: 6 — O grupo do Colégio de Pedro Nunes, vencedor do torneio local de futebol da «Mocidade», com o seu treinador António Matos, do Académico; OLIVEIRA DE AZEITE: 7 — O grupo do União Desportivo Oliveirense, que se classificou para a disputa da Taça de Portugal; 8 — O grupo treinado por João Gomes de Costa; 9 — Os jogadores do Oliveirense numa sessão de ginástica.



Stadium

na Capital do Norte

DE 8 EM 8 DIAS

O F. C. do Pôrto reforma as suas linhas

Reconhecia-se há muito a necessidade de o F. C. do Pôrto, em melhor aproveitamento dos seus jogadores, dar nova forma ao grupo de honra, enfraquecido com baixas constantes, e maior parte devidas a lesões.

Assim, o F. C. do Pôrto quasi que se viu na impossibilidade de construir uma linha definitiva, todas as vezes à mercê das contingências da luta, o que prejudicava a constituição do «espírito de equipa».

Ainda nesta época, que começaram bem, os campeões do norte se viram em tal situação.

Surgem agora as primeiras tentativas de adaptação, com a presença de Faria a médio direito e de Freilás ao extremo do mesmo lado. É cedo ainda para comentar a acção destes elementos; no entanto, parece que as provas dadas no jogo com a Académica, em especial por Faria, foram de molde a considerar a inclusão dos mesmos no grupo principal.

A tarefa de preparação do grupo não é assunto para ser resolvido de um momento para o outro. Há que aguardar o desenvolvimento da actividade destinada a conduzir o F. C. do Pôrto a um lugar mais em harmonia com o seu valor desportivo.

A acção de Gomes da Costa, apesar das opiniões de vultos de preponderância no futebol nacional, continua sendo considerada como excelente, sendo hoje o verdadeiro condutor do ataque do clube «azul-branco».

O trabalho desenvolvido pela direcção do F. C. do Pôrto é de louvar. De todas as maneiras, tem sabido enfrentar e resolver os mais transcendentes problemas da vida do clube.

A esgrima em actividade

Com o patrocínio da delegação da Federação Portuguesa de Esgrima, o Sport Clube do Pôrto fez disputar ultimamente a taça «Ruy de Serpa», à espada, com 12 concorrentes.

Carlos Correia, do S. C. P., vencedor desta prova, sem derrotas, continua a evidenciar francos progressos, afirmando-se como um esgrimista de futuro. Luis Retumba e Manuel e Eduardo Neto classificaram-se a seguir. Os irmãos Giesteira, da M. P., cederam desta vez o lugar a outro companheiro — Jaime Maia — que conseguiu a razoável classificação de 5.º.

Pena é que a esgrima se limite, nesta cidade, unicamente às salas do Sport e da «Cidade Portuguesa». É indispensável uma propaganda forte desta modalidade desportiva — tão útil quanto interessante.

Profecia certa...

Tal como previmos, o Académico perdeu o protesto. Era fácil, pelos dados recolhidos, verificar a sua falta de consistência. Os factos não podem ser julgados à sombra dos interesses dos clubes — tantas vezes justos mas preteridos! — mas sim de acordo com a lei, por mal cumprida ou compreendida que tenha sido.

Também não damos nada pela pretensão de alargamento da divisão maior. Mas nós, que conhecemos a luta que se tem travado para outras hipóteses de alargamento, continuamos na dúvida. Pode ser, mas...

Poemas em tratamento

Há decisões que só podem merecer o mais vibrante aplauso. Este de fazer recolher Manuel dos Anjos a uma casa de saúde, para tratamento do joelho, é das que são dignas de elogio. De facto, o veterano do F. C. do Pôrto estava a prejudicar-se — e ao clube.

Pena é que o F. C. do Pôrto não consiga o que o Sporting fez com Armando Ferreira — mandar Anjos à «Mutual Desportiva», em Barcelona. A não ser que o caso de Anjos não seja tão grave como supomos.

Oxalá assim fosse...

Figura da semana

Amável de Carvalho

A GORA, que os árbitros de futebol estão em foco por variados motivos, parecem-nos justíssimo trazer a esta «galeria» Amável Fernandes de Carvalho, elemento de conhecimentos sólidos na matéria e dos mais categorizados árbitros portugueses.



AMÁVEL DE CARVALHO

Afastado da actividade durante algum tempo, eis que se anuncia o seu regresso, exigido pelos orientadores do nosso futebol e bem recebido por todas as colectividades que o praticam. É que Amável de Carvalho tem atrás de si um historial magnífico, construído sobre mais de duas dezenas de arbitragens e sem que qualquer delas tivesse dado margem a protestos. Isto é concludente e abona o seu valor.

Há cerca de vinte anos que Amável de Carvalho, depois de um curso de aprendizagem magnífico, arbitrou pelo primeira vez um desafio de futebol — e desde então o seu nome impôs-se e naturalmente apareceu em breve na categoria de honra. Honesto, consciencioso e firme nas suas decisões, foram estas as qualidades que lhe permitiram conquistar as simpatias gerais. Errar — haverá alguém que nunca tenha errado? — pode ter-lhe acontecido algumas vezes, mas sempre sem um propósito desleal e à margem de qualquer coacção. Mais: foi precisamente pela pureza das suas atitudes e pela honestidade dos seus processos que Amável de Carvalho deixou um dia de arbitrar. Nessa altura o Colégio de Árbitros do Pôrto perdeu um dos seus melhores ornamentos.

No momento, pois, em que a «classe» dos árbitros necessita da colaboração de todos os valores dispersos, o regresso do nosso focado de hoje deve ser recebido com satisfação.

FLECHA é a melhor bicicleta

A A. C. M. no Pôrto

tem desenvolvido sempre benéfica actividade em prol da cultura física da juventude, a que junta a prática do campismo na sua mais completa faceta: o escutismo. A gravura mostra um dos grupos de escuteiros da A. C. M. em pleno acampamento.



HANDBALL

Notas e comentários

COMEÇAM as arbitragens a sentir os efeitos da má conduta de certos elementos ligados ao «handball». Uma campanha hostilmente desencadeada em certa imprensa, que corrobora nas atitudes indisciplinadas que se têm verificado ultimamente nos campos, está a provocar embaraços na acção da Comissão de Árbitros. Alguns juizes recusam dirigir jogos em determinados campos; outros, por igual motivo, desistem de arbitrar.

Isto tudo, evidentemente, por verificarem a indiferença que as entidades directivas dedicam ao momentoso problema disciplinar. Por outro lado, os novos árbitros, que frequentam a Escola, sofrem já o peso de um pessimismo intolerante. É em vão toda a boa-vontade da C. Distrital, quer na defesa moral dos seus filiados, quer na preparação dos candidatos.

Compreensivelmente, não é com derrotismos que se faz obra construtiva. O «handball» necessita apenas de elementos bem intencionados, íntegros no seu porte desportivo.

❖ A falta de uma regulamentação apropriada manieto os dirigentes dos árbitros nos casos de falta de competência dos juizes de campo indicados pelos clubes.

Há uma disposição regulamentar que obriga os clubes à indicação de um árbitro por cada categoria inscrita no campeonato, tarefa que os clubes, regra geral, cumprem. Há inconvenientes, porém, ou porque os nomes indicados constituem apenas figuras decorativas, com menor conhecimento técnico que os independentes, ou porque raras vezes comparecem aos encontros. Este conjunto de pormenores proporciona as seguintes conclusões:

1.º — que os árbitros em efectividade não agradam completamente; logo, devem ser substituídos.

2.º — que os candidatos são ainda inexperientes; logo, não devem ser ocupados tão cedo.

3.º — que os indicados pelos clubes não têm competência (regra geral) e não comparecem.

Neste dilema, de difícil solução — embora para alguns «projetos» não passe de simples «ovo de Colombo»... — a Comissão Distrital não vacila e opta pelo 1.º caso, por ser o mais consentâneo com a evolução do «handball» português.

❖ A conferência que o distinto técnico dr. Salazar Carreira fez na sede da Associação de Futebol, em escolhido ambiente de desportistas, constituiu uma excelente lição de «handball». Mantendo o auditório vivamente interessado, o ilustre conferente, nas suas afirmações, veio de encontro aos pontos de vista técnicos que há longos anos defendemos na imprensa, concluindo por classificar o nível do «handball» português de categoria internacional.

LEME

UMA CRISE JORNALÍSTICA . . .

(Continuação da página 6)

«São estes os pontos essenciais da carta que me foi dirigida. Tratei logo de demonstrar que todos eles careciam de base, porque: 1.º — não estivera nunca em causa a minha capacidade jornalística nem a minha devoção à causa benfiquista, nem podia conceder que as puzessem em dúvida. 2.º — Não via na iniciativa de promover-se a homenagem ao Chico Ferreira — não confundir com homenagem dos directores... — quaisquer inconvenientes para o clube, ao contrário do que pode vir a suceder com um acto directivo referente ao mesmo jogador, acto esse que a assembléa geral, certamente, não se dispensará de apreciar; 3.º — Nunca aspirára a que o jornal tivesse autonomia, independência e liberdade sem limites (sic) pois apenas desejava que se mantivesse a situação anterior de confiança na pessoa que chefiava há dois anos os serviços redactoriais do jornal sem nunca ter dado motivos a qualquer quezília. Compreendia que essa confiança não podia ser dada a qualquer mas arrogava-me a qualidade de não ser esse «qualquer» e portanto o direito a continuar merecendo-a. De resto, sendo, como profissional, adversário de censuras venham elas donde vierem, menos as podia aceitar como amador — porque é bom não esquecer que o exercício do meu cargo não custava um centavo ao clube.

«Nem sequer houve a deferência, que tudo aconselhava, de chamar os redactores mais categorizados e o próprio administrador do jornal — belo exemplo de abenegoado espírito de sacrifício — para os ouvir, tanto a propósito da minha saída como para o efeito da minha substituição.

«E aqui tem como os factos se passaram. Não se infira, contudo, que a responsabilidade deste incidente pertence exclusivamente à heterogénea direcção de Felix Bermudes, uma direcção rudo-morta, como se sabe. Não. Tal como me foi comunicado, houve, além da unanimidade de vistas dos actuais directores, a expressa concordância de quatro membros da gerência anterior que sobre o assunto foram ouvidos. Por muito paradoxal que isto pareça a verdade é que está aqui escrito, como vê. Os elementos de uma longa gerência que mantem insolúveis gravíssimos problemas internos, surgidos há não se sabe quanto tempo, consideram-se tão insubstituíveis que, a despeito do clube ter novos directores, são eles ainda que continuam a orientar a colectividade. Tão insubstituíveis que até consideraram um acto de má camaradagem desportiva o facto dos directores suplentes que foram chamados a substituí-los, quando da interrupção da sua actividade determinada pelo castigo da F. P. F., terem desejado exercer a efectividade com perfeita soberania, como era lógico que acontecesse, demais tratando-se de pessoas que já

conheciam as cadeiras directivas do clube e nelas tinham deixado bem assinalada a sua passagem, como era o caso de Costa e Sousa, Pinheiro Machado, José Assis e engenheiro Dionisio Magro.

«Urge solucionar problemas que tá têm sido causa de muitos dissabores»

— O Rebelo da Silva falou em problemas gravíssimos que se mantêm insolúveis. Pode dizer quais são?

— Reconhece-se, por exemplo, como tive ocasião de proclamar oportunamente no jornal do clube, que este não tem campo atlético com acomodações que bastem às suas necessidades, que as instalações da secretaria são acanhadíssimas, tanto pelo que respeita aos serviços administrativos como às dependências de caracter gymnástico-desportivo e recreativo. Tudo aconselha, não de agora mas há muito de tempo, que urge solucionar esses problemas, que já têm sido causa de muitos dissabores. Para encontrar essa solução devia começar-se por um saneamento completo das finanças do clube (à moda de Joaquim Bogalho) e promover de seguida a constituição de um fundo especial pró-instalações, que já podia reunir nesta altura algumas centenas, se não milhares, de contos. Todavia, permanece-se quasi indifferente ao desenvolvimento constante do clube. Para solucionar a incapacidade do campo para acomodar os sócios recorre-se à solução de não permitir que eles se façam acompanhar por senhoras — como era hábito já antigo — enquanto, por outro lado, se mantêm aberta a torneira que despeja continuamente, na colectividade, verdadeiras catadupas de associados, apesar do seu alojamento no campo ser cada vez mais precário, principalmente em certos jogos. E como na melhor das hipóteses, mesmo que o clube encontrasse agora maneira de se instalar noutro local, essa instalação não poderá fazer-se antes de três ou quatro anos, é caso para perguntar como resolver até lá tão urgente como inadiável problema? E o mesmo se dá com a secretaria e com a revisão indispensável dos quadros de atletas para poupar o clube a despesas incompreensíveis. Tudo está por fazer. Entretanto, o clube continua amparado às glórias do seu passado e até já se chegou ao ponto de se fazerem eleições para dirigentes... provisórios, alguns deles recrutados ao acaso, sem se curar de saber da capacidade que esses indivíduos podiam ter ou não ter para serem colocados à frente de um clube com a categoria do Benfica. O contacto que mantive com o clube durante estes dois anos, o conhecimento directo dos seus problemas mais instantes e o estudo sucinto que deles fiz, permittem-me afirmar que mal irá ao Benfica se não mudar os seus processos de orientação e administração. É que não bastam os «vivas», as exclamações de entusiasmo, os discursos mais ou menos puxados ao sentimento da massa colectiva, os cânticos constantes das glórias do passado. Hoje exige-se mais alguma coisa e a verdade é que pouco ou nada se faz. O clube é dirigido hoje como o era há vinte anos. Há até quem proclame ser tão fácil dirigir o Benfica que até se podia dispensar de ter dirigentes! Pois eu considero que é exactamente o contrário...

«Não há bons servidores dos clubes que ponham à frente dos interesses dos mesmos as suas malquerenças pessoais»

— Considera portanto arrumado o incidente?

— Absolutamente. Faltaria à verdade se não dissesse que esperei da direcção do clube uma troca de explicações que permitisse continuar a exercer o meu cargo sem quebra da minha posição no incidente e sem quebra, também, do prestígio directivo. Mas não só não se procurou solucionar a questão como se as agravou com a carta a que fiz referência. Em resumo, caminhou-se demasiadamente depressa para que fosse possível voltar atrás. Não me com-

preenderam e eu poderei passar por não os ter compreendido. A verdade, porém é que, ao contrário, compreendi perfeitamente. E que eu sei onde posso ir encontrar a origem de tudo isto. Mas eu continuo na minha. Não há bons servidores dos clubes se põem à frente dos interesses dos mesmos as suas malquerenças pessoais com A, B ou C. E, para mim, cujo sentir como benfiquista se espelha na orientação que segui no jornal durante o tempo que lá estive, não há tricas nem intrigas que me vençam. Onde tiver que fazer justiça faço-a mesmo.

— De certo não lhe faltam aplausos por essa maneira de agir?

— Pelo contrário. Creio até que estou muito bem acompanhado. A reacção que se operou no clube foi grande, tanto que um grupo de sócios resolveu patentear-me o seu agradecimento por tudo quanto fiz, numa homenagem que será ao mesmo tempo uma manifestação de desagravo. Estou reconhecido aos promotores dessa homenagem e a outros consócios que, por diversas formas, me têm feito sentir o seu desacôrdo com o procedimento da direcção do clube.

E Rebelo da Silva concluiu assim o seu depoimento:

«Ao longo das minhas alegações pode vir a vislumbrar-se uma ponta de despeito. Apreciem-me como quiserem os que tiverem de apreciar-me. Garanto-lhe, à fé de quem sou, que esse despeito não existe. Mas se não há despeito, há mágua. A mágua que não posso esconder ao verificar que, para me substituir, solicitaram novamente os serviços do mesmo indivíduo que em Março de 1943 fôra dispensado pelo seu destrambelhamento moral e profissional; a mágua de ver que o grosso da massa associativa do clube se alheia dos seus destinos e que entre quinze mil indivíduos não é possível encontrar um que se sacrifique ao mesmo que eu me sacrifici durante dois anos e se torne necessário recorrer a um indivíduo cujos serviços à colectividade são prestados na razão directa do dinheiro que recebe — quando são; a mágua por ver que um lugar de representação do clube, como é o de chefe da redacção do seu órgão oficial, não é assim considerado pelos dirigentes. Pessoalmente, repito, só devo agradecimentos pelas férias que me permitiram gosar. Eu continuo e continuarei a ser jornalista. Já o mesmo não acontece com certos indivíduos que se tornam falados e discutidos à força das situações de evidência que conseguem nos clubes, mas que eles próprios se encarregam de comprometer, perdendo-as e deixando no rastro da sua passagem apenas os danos e os prejuízos que causaram.»

O SOL NAS PRAIAS

Durante a época balnear, a natação encerra o maior prazer para os frequentadores das nossas excelentes praias. Após o vivificante e completo desporto, o repouso na areia, sob um bom toldo, é agradabilíssimo — principalmente se se dispuzer de um dos optimos toldos da Fábrica portuguesa de Enterados, todas as na rua do Vale de Santo António, 71 e 73, e no Ceis de Santa em, 66 — telefones 24085 e 24086, atendem prontamente todos os pedidos do género, uma das suas especialidades.

Ano III — Lisboa, 4 de Abril de 1945 — II Série — N.º 122

STADIUM

REVISTA DESPORTIVA
Director e Editor: DR. GUILHERMINO DE MATOS
Propriedade da
SOCIEDADE DE REVISTAS GRÁFICAS, LDA.
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Travessa Cidadão João Gonçalves, 19, 3.º
TELEFONE 5 1146 — LISBOA
Execução gráfica de NEOGRAVURA, LDA. — LISBOA

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

ANIBAL MARQUES

presidente da Associação de Handb: II
vai ser homenageado

UMA comissão composta por árbitros e praticantes de handbells tomou a iniciativa de prestar homenagem a Anibal Marques, conhecido presidente da Associação de Handbell de Lisboa, cuja actividade naquele lugar, dedicada e sensata, justifica plenamente a distinção que resolverem conceder-lhe.

Para a homenagem, a levar a efeito num jantar que se realiza no próximo sábado, acceitem-se inscrições na rua dos Fenqueiros, 352, ou pelo telefone 2 0753.

Aos nossos leitores da Província

Como dissemos no nosso último número, STADIUM arquivará periodicamente nas suas páginas os acontecimentos desportivos da província, de Norte a Sul, através de sugestivas fotografias.

Prevendo que alguns desses acontecimentos, embora de muito interesse nas respectivas regiões, possam contudo passar despercebidos, convidamos os nossos leitores a enviarem-nos provas fotográficas dos assuntos que desejariam ver publicados, pois merecerão o nosso melhor acolhimento desde que os clichés se apresentem em perfeitas condições de reprodução.

OS 100 QUILOMETROS CONTRA-RELÓGIO

E OUTROS ACONTECIMENTOS DE DOMINGO



NOS 100 KILMS.

Lourenço (1), Lopes (2), Rebelo (3) e Mourão (4), colhidos pelo objectivo em pleno esforço. 5 e 6— Os vencedores das corridas de amadores juniores e seniores, respectivamente António Maria e Aristides Paulo



UMA REGATA SEM VELEJADORES...

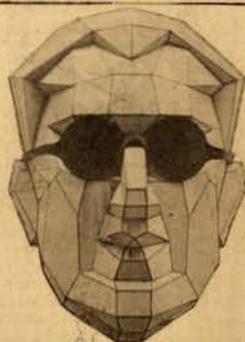
Aspecto da regata de barcos modêlos, feliz iniciativa do Clube Náutico. Em baixo, à esquerda, Pereira de Freitas com o barco vencedor da classe B; à direita, Jorge Meunier com o barco que venceu na classe A



O CLUBE DESPORTIVO DE BELAS, que está ainda em organização, virá a possuir um bom grupo de Futebol, que a nossa fotografia reproduz. Efectuou no domingo o seu primeiro jogo, vencendo o Aqualva F. C. por 4-2 e conquistando a taça «União Nacional»



HANDBALL — No encontro entre o Sporting e a Cuf, que os «leões» ganharam. Fase do jogo, de flagrante energia



**GIL
OCULISTA**

FUNDADA EM 1855
Deposítaria das lentes "ZEISS"
Binóculos, Termómetros
Bússolas de marcha, etc.
Aparelhos de Precisão

138, RUA DA PRATA, 140
Telefone 2 2829 LISBOA